

# A QUINZENA PAULISTA

LETRAS E ARTES

ANNO I

S. Paulo, 11 de Julho de 1889

N. 3

REDACÇÃO—RUA JOSÉ BONIFACIO 43

PROPRIETARIOS E REDACTORES

EMILIANO PERNETTA E PACHECO NETTO

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Semestre. . . . . 3\$000  
Anno . . . . . 5\$000

FÓRA DA CAPITAL

Semestre. . . . . 4\$000  
Anno . . . . . 6\$000

As pessoas a quem fôr enviado o 1º numero da *Quinzena* e o não devolverem, serão consideradas assignantes.

## SUMMARIO

Declaração precisa.  
Escandalos.—T. o ESCANDALOSO.  
Preguiças.—PREGUIÇOSO.  
Na agonia (soneto).—R. AZAMOR.  
Infame!  
Megéra.—RAUL BRAGA.  
Convalescente (soneto).—E. PERNETTA.  
Beijo de sangue.—M. PEDERNEIRAS.  
Idéias e impressões.  
Bohemios e artistas.—T. G.  
Em Santos!—J. o VIAGANTE.  
Adulterio e assassinato.—O. MINOR.  
Banho á meia noite.—T. & C.  
Cunha tira o chapéu!  
Ao luar.—LEANDRO.  
Arrulhos.—FRANCISCO BRANT.  
Canção devassa.—OUVIDIO JUNIOR.  
Saudação ao Felinto.—MARTINS GUIMARÃES.  
Correcto.—OS LITTERATOS DE CA.  
O CRIME DA RUA DE S. BENTO ! !

## DECLARAÇÃO PRECISA

Antes de tudo, meus senhores, muita attenção. Leiam :—Tem muita gente, por ahi, desavergonhadamente recebido parabens (!!) por artigos que nunca TEVE A HONRA de escrever para a *Quinzena*.

Bem.

Declaramos ao publico de S. Paulo e de todo o órbe, que só os DOUS UNICOS REDACTORES desta folha têm permissão para escrever sob pseudonymo.

Muitissima attenção :

Apenas 3 artigos, até hoje, publicados no 1º e 2º numero da *Quinzena* não foram escriptos por seus 2 unicos redactores e são : no 1º numero, um, assignado por Komte de Carvalho, e no 2º—, dous assignados, por Glinka, e Alceu-Mirim ; o mais tudo, leitor credulo, tudo o mais, amigo leitor, bom ou máu é da lavra, absolutamente, inteiramente e sómente da lavra dos DOUS UNICOS REDACTORES da *Quinzena*.

Entretanto, para *aesmanchar differenças* futuras, fazemos notorio que, de hoje em diante todos os artigos de collaboração hão de ser competentemente assignados.

E para absoluta clareza á boa fé do *Zé*, declaramos immodestamente, descaradamente :

São na *Quinzena* escriptos por seus DOUS UNICOS REDACTORES, as seguintes secções :—

*Durante 15 dias, Philosophia Barata, Conservatorio de musica, Bohemios e Artistas, Rima da Pilheria, Núa quasi núa, Abysmo, Pensamentos e Qnadra humoristicas, com excepção de 3 pensamentos assignados por Senne, Bello e Maneco Vicente.*

Isto tudo para que muita gente não se dê ao luxo de fazer comprimentos com o chapéu do...

—O' Cunha, tira o chapéu !...

OS DOUS UNICOS ETC.

## Escandalos !

Por Deus do céu que estou me mordendo de odio, surdo e bruto, de vontade de escarrar, por ahi abaixo, descompostura réles de lavanderia barata ! Leitor, eu sou uma féra ! Leitor, estouro !! Eu mordo, leitor !!! Eu arrebento, leitor !!! Querem me bater, ó policia de minh'alma ! ! ! !

Porque ?.....

Porque eu disse que um homem era... gordo ! !...

Infamia !

Leitor, eu sou uma creatura infame ! Mas tu, gordissimo ente humanisado, desvendarás jámais o cabalístico segredo, que formalmente, acintosamente occultará, para sempre o nome de um de nós dous !

Acredita, valdevinos, que o meu desejo era pôr a tua vida em pratos... sujos ; desacreditar te na praça publica e de... todos os mercados... ; espicaçar o teu nome de fio a pavio, e revolve-lo no *tijuco* das más reputações ; gritar-te na *cára* :—ó besta ! Idiota ! O' Cara dura ! O' sujo !...

E si assim não procedo, é prudencia miseravel ! Eu tenho um amor invençivel á pelle, e um horror sinistro da policia !

Agradéce, infeliz, a tua inviolabilidade, ao meu inmenso Amor... á paz e á Guarda-urbana !

Covarde !...

Mas realmente !

E' triste, é doloroso, ouvir isto desta guapa rapariga que, sobre a minha mesa, recostada, sorri-me deliciosamente, o seu escuro e grande olhar de 15 annos fortes, valentes, queimando-me a carne lassa em espasmodica vertigem de uma valupia calcada e palpitante...

Esta mulher irra-ta-me, enlouquece-me ! Explendido !—Agora destrança a cabelleira basta que sobre a correcção dos hombros, lhe tomba numa cascata de onix.

Que horrorosa posição para apertar lhe traiçoeiramente a cintura e morder-lhe o beiço tumido de sangue !



Sacudio a cabeça agora ! Pende-a para esquerda... para a direita... Leitor, agora pisca-me um olho... arqueeia os braços pousando as mãos sobre os quadris redondos.

Meu Deus do céu !—desfólha uma gargalhada chromaticamente, como uma quédia magica de finissimos fragmentos de christies, sobre as cordas de uma harpa phantasticamente sonora !...

Leitor, eu estou inerte na minha cadeira. Um suor frio gotteja-me das mãos ; esbugalhado o meu olhar ; a bocca entreaberta e secca ; a respiração de uma brevidade cruel ! E a mulher a rir... a rir num escandalo adoravel ! Faço um esforço e grito :

—Quem é você !

—Então, meu bom, já me não conhecees ? Troquei de roupagens... mudadazinha da *silva* ! Sou outra, bem se vê ! Nem mais me chamo *Durante 15 dias, Philosphia Barata, Rima da Pilheria, Conservatorio de...*

—Adeante !

—Outra emfim ! Fresca, original e nova ! Ora ahi tens meu querido *Escandaloso*, em presença a tua bella *Quinzena Paulista*.

Atirei o corpo, desafogado, para o encosto da minha cadeira de braços ; respirei amplamente, prolongadamente... Chamei a *Quinzena* para mim ; fil-a sentar-se na minha coxa esquerda, e lhe trançando na cintura o braço, tomei da penna de escrever em posição, e depois de uma beijoca de *massidras*, arrebrandando de meiguice, fiz-lhe :

—Vamos, meu bem ! Tua historia, conta-a !

A *Quinzena* poz-se a pensar muito seria, quasi triste. De repente illuminou-se toda de um magnifico sorriso :

—Sabe ? si não fosse a *Platée* nada havia de novo em S. Paulo.

«A *Platée* sim ; na ponta, meu caro. Aquillo é que é, e o mais é historia ! Ninguem mais pôde com ella. A *Platée* é e será eternamente a opinião publica rindo-se desta sociedade incapaz de um successo, de um acontecimento, de um escandalo, de uma chronica ! Viva o Horacio ! Viva o Guerra ! »

E sahio a rir, a gritar, barulhenta, alegre, numa estridencia de laminas de prata batidas, a vibrarem, por entre a luz faiscante e fina de uma aurora branca !

TONICO, O ESCANDALOSO !

## Preguiças

Meio dia, sol enchendo as ruas, cantos de gallo evocando lembranças de amor, e campos cobertos de roupas claras, alvejando...

Meio dia !

Eu volto de andar vadiando pelas ruas, preguiçoso, alma tranquilla, gosando os beijos do sol, e o ar frio e delicioso do inverno.

Musica de flauta e rabecca ; bando de moças, em capas de pellucia, ponta do nariz vermelho, bellas como princezas russas ; tudo vejo e ouço e goso. Como a vida é boa e doce, assim !

Não ter encommodo nenhum moral e ter boa saude, e sol, e uns nickeis para o café, e um temperamento rico de emoções...

Bella que é esta vida ! Tudo que vejo é meu : céu, palacios de marmore, paizagens...

Sou um nababo com dez tostões no bolso, e proprietario de tudo sem ter um predio.

Não tenho amor ? Quem disse ?

Aquelle casal que alli passa. quem ama sou eu.

Amo no coração de todas as mulheres...

Naquella sacada uma senhora se aquece, enrolada num chaile branco, macia como uma gata.

Ah se eu pudesse dormir naquella maciez !

Eu volto de andar vadiando...

Como a vida é bella !

Ser como o lagarto ao sol, ser como os gatos que se espreguiçam nos telhados, que ideal !

Doce preguiça !

Logo cairão as sombras.

Eu ficarei, como quem volta de um paiz do oriente, recendendo a fructas de ouro, os olhos ainda deslumbrados, os ouvidos cheios de murmúrios de luz !

PREGUIÇOSO.

## Infame !

Que diabo ! A que fim, —não me dirão ?—hei de eu andar, para ahi illudindo a Sociedade ?

Não ! Abaixo a mascara. Sociedade, eu sou uma besta, e tu és outra !

Quanto a mim o sou, porque detés to radicalmente toda a hypocrisia das tuas leis, a tropa anemica e bestial dos teus miseraveis preconceitos.

Tu, Sociedade, és besta e maior que eu !

Tu me tomas ao serio ; me cumprimentas ; convidas-me para tomar café

ou jogar uma partida de xadrez no Club Internacional, ou para dançar na *Concordia* E em plena rua da Imperatriz, trançando no meu o teu braço e de todo o mundo, me perguntas num descaro profundamente sujo : —

—Então meu *velho*, quando te casas ?

Tu és muito mais besta que eu, ó Sociedade !

Olha ; queres ver como tu és má, perversa, hypocrita ; queres ver o que tu és Sociedade ? Escuta.

Hontem, á noite, deixaste a esposa docil e fiel, a tua casta companheira, em casa, olhando, lá do fundo perfumado de um divan para um grupo esplendido de creaturas adoraveis ; hontem á noite, abandonaste os filhos e dirigiste o passo ao theatro onde foste saciar teu paladar depravado na pornographia gasta das modernamente deploraveis operetas, *naturalizadas* fluminenses.

Fizeste mais : foste á *caixa* ; mais ainda : ao camarim de uma actriz — cantora sem estylo, sem escola, sem grammatica e sem voz ! Furtaste uns beijos á familia, e machucaste-os, carnalmente, sobre o carmim de uns beijos frios e publicos. Não déste, pela manhan, quinhentos réis ao filho mais moço para comprar fogos para o São João e á meia noite, num descaro de ostentação palerma, pagaste ao proprietario do Café de Java, CEM MIL REIS pela ceia ! !...

Vens para casa, bebado, chicoteando a pureza atmospherica da noite enluarada, com a insolencia de phrazes más dos compartimentos de oordeis ! ?

Subiste, tropego, a escadaria de marmore branco do teu palacete, e deitaste o corpo immundo de crapuloso, ao lado da fidelidade limpa de tua mulher ! ?

Algumas horas depois, um bello rapaz de 25 annos, um talento ás direitas, uma aspiração fabulosa, foi por ti recebido em teu gabinete particular e pediu-te uma das filhas em casamento.

—Bem. Eu vou consultar á familia, e amanha o sr. terá a resposta

Alguns dias se passam e tu, inchado de dignidade e indignação bérras no ouvido do teu amigo mais de casa : —

—Ora você já viu ? ! Aquelle *perdido* ! Anda com actrizes publicamente pelos Cafés, gasta o que não pôde, um bebado o biltre, e não é que veio me pedir a filha ! ?

Você já viu que desafio...

E tu tens ahi, no bolso a mesma carteira, do qual a actriz, na noite passada, subtrahiu *coquettermente*, uma ceia



dula de duzentos mil réis ; e fallos com a mesma bocca, a propria que machucára uns beijos, canalhamente, sobre o carmim de um beijos frios e publicos ! ?

Infame !

ZÉ—DIGNO.

## IDÉIAS E IMPRESSÕES

Cada escriptor novo é como uma cocote :—agrada enquanto é novidade.

Cada vez que medito no eterno problema da criação do mundo, vejo que os homens são como os bebados, que desde pela manhã estão embriagados : —não pensam no dia seguinte.

O maior tombo e o mais commum : *cahir*... em si.

Canto e Mello diante dn um tumulto, sem ter jantado :—Felizes os mortos, porque não tem fome !

A maior desgraça que póde succeder a um escriptor, é derramar o tinteiro.

MACEDO.

Eu tenho medo de ler Edgard Pôe do mesmo modo porque temo os prazeres violentos.—Ter medo nesse caso é um prazer.

FELINTO PYRILAMPO.

—Tudo que me dá prazer não passa de um verdadeiro prazer esthetico.

Sinto ás vezes desejos de casar-me, de formar familia, mas tudo isso não passa de um prazer momentaneo, como o de uma paixão por um ideal.

Um dia que eu passe no *interior* de uma familia basta para fazer-me gozar de todas as suas doçuras até farrtar-me.

SOLTEIRÃO.

—Umás creanças atropellavam um pobre carneiro, jogando-lhe pedradas.

Sêde máu : odeiam-vos, mas deixam-vos ; sêde bom : divertem-se em abusar da vossa bondade.

ARLINDO.

—Como um homem de espirito se torna futil no meia de imbecis !

W. MALTA.

—Quanto mais se falla, mais se erra : é por isso que eu desejo fallar bem de-va-ga-ri-nho..

N. REIS.

## NA ANGUSTIA

A EMILIANO PERNETTA

Como um vasio mundo abandonado, onde a existencia se tornou mesquinha. Lembra-me a alma quando alegre tinha outr'ora juncto um coração magoado.

Hoje deserta, já não tem ao lado a illuzão doce que saudosa vinha antigamente como uma andorinha pouzar-lhe a rir no seu viver passado.

—«Coragem!» [disse-lhe ao partir, e agora, como quem triste o seu viver deplóra,] sinto que o pranto o coração me invade...

—«Coragem!» vivo a repetir e quando mais a desejo mais vou a evitando na covardia d'esta atróz saudade !

S. Paulo—Junho—89.

RICARDO AZAMOR.

## MEGÈRA

I

Quando Miguel chegou, pela primeira vez, á Côrte, vinha cheio ainda das influencias feminis da familia, ignorante de tudo, uma creança emfim.

Trouxera muitas cartas de recommendação. A segunda que entregou, logo após a do antigo socio do pae, encarregado de lhe fornecer dinheiro, foi a uma velha governante da casa, então ahi, fazendo fortuna, dizia-se, a alugar quartos e a dar comida.

A Quiteria dos brinquedos de menino, a sem rival contadora de historias, de outros tempos, tomara agora uns graves ares de dona, tratada de senhora, cheia de creados.

A carta do pae de Miguel, recebeu-a ella, como si o imperador em pessoa, por exemplo, lhe viesse pedir um obsequio. Toda a humildade dos annos de serviço, bem que a compensava, a direccção que lhe confiavam desse rapaz carregado ao collo, outr'ora, hoje guiado, num papel superior.

No patamar da escada, diante da porta da sala semi-aberta, soletrava pausadamente, baixo, as poucas linhas da recommendação, numa physionomia reflectida, com o aspecto de quem ape-

nas por querer servir, por fazer um favor, accede a um rogo importuno.

Miguel, calado, de chapéo entre os dedos, rodando-o, esperava a resposta, numa duvida, morto já por acabar com aquellas correrias que se lhe antolhavam á idéia de uma recusa da velha Quiteria.

Erguendo os oculos de aro de aço, para o alto da testa, a matrona dignouse, emfim, de decidir. «Com muito gosto ; o que o sr. Carlos, o pae de Miguel, quizesse. Devia-lhe immenso : não era uma ingrata, que o negasse... Mas não sabia ainda si o poderia servir, logo e logo. O ultimo commodo desoccupado tinham vindo ver, pela manhã, e talvez ficassem com elle. Tivesse, porém, a certeza de que envidaria os maiores esforços para ceder-lh'o.»

E a porta cerrou-se deixando bater a campainha, com a promessa ao moço, de uma volta no dia seguinte, pelas onze.

Por essas horas, de facto, Miguel apresentou-se novamente.

Timido, attonito, dos receios em que o tinham posto a attitude e as palavras da antiga creada, cuja lembrança se lhe perdera entre as meninas dos primeiros annos, o seu coração pulava em ancias.

Mais feliz, entretanto, que no dia anterior, a megèra respondia-lhe, numa



phrase, «que sim, pois, graças a Deus, a pessoa que vira o commodo vago, na vespera, não voltara até áquelle instante.» E nessa mesma tarde, Miguel instalava-se definitivamente.

## II

Correram sem novidade os primeiros mezes. Casa seria a sua, respeitada sempre como um lar, Quiteria não admittia a menor rapaziada, de portas para dentro.

«Elle chegara do seio da familia, puro ainda das influencias perversoras de uma capital; advertia-o, comtudo, que, embora as obrigações que devia aos seus, a velha creada não lhe perdoaria «uma troça, uma troça, uma siquer.» E conservava-se muito digna, sem gracejos, nem longas palestras com os pensionistas, irreprehensivel no governo da casa, como que impondo consideração á sua pessoa.

Miguel completara, havia pouco, de sessete annos, mas, franzino de corpo, e pueril de maneiras, não representava mais de quinze.

Preso, desde a separação da familia, para aprender, num collegio de provincia, parecia uma menina, mais ainda com a doçura dos seus olhos azues, a immaculidade da epiderme demrosa, os reflexos de ouro dos cabellos.

Isolado, num aposento interno, dos companheiros de casa — rapazes do commercio e estudantes de faculdade, — pouco sentiu o menino a mudança de meio. Era a mesma atmosphera quasi, de socego, de vigilancia... mais cerrada sómente algum tanto, sob os grossos vidros dos oculos de Quiteria.

Longo supplicio estendeu-se pelo tempo afóra, ao Miguel, nos risos sarcasticos dos companheiros, nos logros que lhe faziam os estudantes julgando-o calouro.

Receioso, porém, não articulava uma queixa, uma réplica; crescia-lhe, não obstante, uma revolta, no intimo: uma vontade de se mostrar como elles — homem, homem tambem, imitando-os em cousas que não sabia de todo, ainda.

A enclausuração do internato, enfraquecendo-lhe mais o organismo sem energia de anémico, puzera-lhe no temperamento, manhas de seminarista, cautelas de hypocrita.

Na janella do quarto, com o queixo repousando sobre a mão, o cotovelo fincado no parapeito, remóia despeitos, procurando desforras.

Bem que a natureza se lhe acordara já do ascetismo do collegio; bem que elle já sentira nas carne os imponentes gritos do desejo. Resfriava-o o olhar

profundo, a devassa daquelles oculos fataes, sobre si; mas, não teria mais medo e lhes mostraria em breve, não ser já uma creança, como julgavam.

## III

A' noute, depois da ceia, frugalissima ceia, de matte e pão com manteiga, Quiteria, de costume, mandava fechar a porta, para deitar-se.

Antes, porém, passava uma revista summaria, apparentemente, menuciosa sobre tudo.

Quería que o Miguel se convencesse da seriedade, do rigor do regimen da casa; o que lhe era facil, tanto mais que os outros aposentos occupados ficavam além da porta da sala do jantar.

As creadas, duas creoulas que ajudavam na labutação de pensionaria, estas mesmo, seguia-as até ao fundo do corredor, a vel-as fechar a porta dos cubiculos em que dormiam. Severa, «não tolerava a minima bandalheira em casa; procurassem na rua si allí lhes faltava alguma cousa» — atirava-lhes em rosto.

Depois, vinha á sala, onde ficava a alcova do Miguel, bem de frente da sua, trancava-o.

A janella delle dava, no entanto, para o quintal e, dahi, satisfeito, se desforrava o rapaz, dessa prisão.

Numa noute, por volta da madrugada, á grande bulha, fóra, tonto de sono, saltou elle da cama, a espreitar o que no terreiro se passava. E, estupefacto viu... confirmou a suspeita, que já lhe viera, de que para elle só, naquelle mundo, faziam-se as regras austerissimas de Quiteria.

Um quarteirão inteiro quasi, de casas paredes meias, alugava-o a matrona, que, por seu turno, as alugava de novo.

Logo na immediata, instalara-se uma republica, e os rapazes, á noite, escavavam o muro para virem amar com as creadas.

Na sua immaculidade, admirava-se o Miguel, comtudo, de que a antiga governanta da familia nada soubesse ainda; que sciente não a podia pensar.

Recordava-se, era verdade, de ouvir em casa as raparigas contarem desregramentos encobertos da megéra, como a chamavam: mancebias occultas sob uma apparencia grave, sob uma sciencia de moderação apparente.

Tinha sido, porém, ha muitos annos e, de tal modo, segundo o confessavam mesmo, que ninguem da sua familia cousa alguma percebera ou mostrara perceber.

E além disso ainda, hoje ella estava numa posição superior, precisava ser

respeitada e, demais a mais, roçava já pelos cincoenta. Cohibia-se, de certo.

Entretanto, o rumor crescia fora aos fundos do quinta!, pelas soqueiras de bambús; e como que, repentino, ouviu, perplexo, rapaz — um abrir de porta nervoso, na sala do jantar.

Uma curiosidade quasi instinctiva atirou-o, de manso, para a fechadura.

Ahi, bem ao lado, num momento de revolta surda, de coragem admiravel em que se dispuzera a affrontar todas as celeras, todos os castigos, as suas mãos tinham feito um largo orificio, á verruma e a canivete.

Poude tudo ver bem, então. Attonita sem duvida, Quiteria descerrara largamente a meia porta e prestava ouvidos. Em desalinho, com uma vela a alumiar ao longe, via-se-lhe o collo nú e, por detraz dos seus largos hombros, um leito revólto e o moço do padeiro assustado tambem, semi-erguido, de olhos accesos, sobre os lençoes.

S. Paulo, 1889.

RAUL BRAGA.

## BANHO A' MEIA NOITE

O que me assusta nesta  
Noute de S. João,  
Não é por certo a festa:  
Fogos de côr e bichas e rojão.

Nem mesmo a poesia  
Da antiga tradição:  
E' uma velharia,  
Não me commove o velho coração.

O que, porém, me cobre  
De pena e commoção:  
E' ver como a esse pobre  
Santo, molham de noute, banhos dão.

Pois não é para magua,  
A' meia noite, a São  
João pôr dentro d'agua,  
Com um frio destes? que judiação!

Do chefe e urbanidade  
Chamamos a attenção  
Para esta indignidade,  
Esta infame desmoralisação.

FELINTO & C.ª.



## Beijo de sangue

Beijo de sangue? Que diabo de beijo é este?

Ora escuta-me, disse o Arthur, depois de ter sorvido um gole de kûmel. Na hora da partida, pela manhã muito cedo beijei-a na bocca.

Ainda vinha longe o sol; tomei-a nos braços e disse:

«Adeus. Eu parto. Vou para longe para muito longe, para o fim do mundo obrigado pelo dever...»

Adeus. Eu parto.»

E a bella Gaida—a grega—limpou com a ponta do alvo lençol da cama, alvo como a neve, uma lagrima empurrada á superficie dos olhos pela mão do sentimento.

Naquella noite, a ultima da nossa ventura, ambos sobre o mesmo leito, cobertos pelos mesmos lençóis; seus braços enroscados ao meu pescoço, a sua epiderme batendo sobre a minha, estivemos a recordar o nosso amor, o nosso encantado amor.

E rimos muito, como duas creanças

«E como começou... disse ella.

—«Em uma noite oh! se me lembro quente, muito quente.

«Eu acanhado, tremulo; chegaste a mim e... como isto é engraçado! e me offereceste de ceiar.»

—«E eu aceitei. Nós as raparigas alegres accetamos tudo o que nos offerecem.

—Depois (continuei eu) nesta mesma noite fui dormir em tua casa, na tua cama, sob os mesmos lençóis.

«Que noite aquella!»

«Pela manhã seguinte levantei, já o sol de fóra, e... retirei-me. Até ahí a trivialidade, o natural.»

—«Mas aquelle beijo que tu chamaste de sangue, disse-me ella rindo, rindo muito.»

—«Um mez depois do nosso conhecimento, tornei eu, estivamos juntos.

«E foi um verdadeiro beijo de sangue, rubro como o desejo, quente como o teu olhar.»

«Estivamos juntos, eu te fallei ao ouvido um segredo.»

«Disseste não, não posso.»

«Finalmente tomaste a resolução heroica de ceder ao que eu te pedia.»

«Em frente ao leito ainda disseste: mas hoje?...»

«Na manhã seguinte eu tinha obigo de ensanguentado... foi o tal beijo de sangue.»

MARIO PEDERNEIRAS.

Si no mundo eu tivesse felizmente De um *estro* bem melhor a *calma sina*, Não comporia com algum *mão éstro* De cabo a rabo toda a Carmosina!

JOÃO CAVAIGNAC.

## CONVALESCENTE

Choveu durante largo tempo... dia  
Sobre dia choveu... e ella doente,  
E ella pallida e triste, em febre, via  
Brumoso e feio o céu continuamente.

E nenhuma esperança mais!... chovia...  
Mas melhora, e olhando o céu em frente,  
Vê que o céu fulge e se enche de alegria,  
De uma alegria de convalescente....

E debil, de mansinho abre, a janella:  
O sol casquilha, em ouro se derrama,  
Fóra, na balsa, como uma risada...

E ella: que doce por aquella estrada  
Pisar agora em luz! feliz quem ama,  
Como eu amo esta vida que é tão bella!

EMILIANO PERNETTA.

## Em Santos

Ao benemerito Julio Conceição, um viva de *moer*!

Que diabo! aquillo tudo foi justo e muito justo, justissimo senhores!

Musicata de arromba, rojões, aclamações de entusiasmo pelo povo ao joven paulista; uma lindissima corôa, um magnifico retrato a oleo; regatas, fôgos de artificio, concerto, bailes, e, como nada nesta terra existe que, de vez, satisfaça á gente, para mal dos peccados de todos os espiritas do mundo... o discurso do Torteroli em plena Camara Municipal!

—O' Torteroli, tira o... *cavaignac*!

No opulento banquete por Julio Conceição offerecido aos viajantes, entre um prato de arroz e muitas azeitonas, conheci o enorme e *illustre amigo*— Leopoldo de Freitas: uma bella cabeça!

O *illustre amigo* Freitas ia de fallar ás massas... de tomate e de farinha de trigo, em appetitosissimas tortas, naquelle instante, pela farta mesa do almoço.

Entretanto, quando o *illustrado ami-*

go Leopoldo vae de tomar a rica palavrinha, eis que o notavel dentista— Mesquita (sem rima) annuncia-se, e... *agora o vereis!*

—«En nôme da *commisson de ca-lorçe de Júio, eu venhe dizers a Júio da Conceçon...* Mas...—*horribile visu!*—de furia magna prêzo, o *illustre amigo sr.* de Freitas, cheio de heroismo, cheio de bravura, cheio de dignidade, cheio de coragem, cheio de camarões, cheio de desprezo, cheio de gallinha, cheio de si mesmo afinal, num bello impeto de justa colera... adia o seu energico discurso para a vez em que, no futuro, haja algum almoço offerecido a alguns viajantes, por algum presidente de alguma Camara Municipal nas mesmissimas condições do distincto moco Julio Conceição!

...Ora dá-se!...

\*  
\*\*

Usaram da palavra ao *dessert* os srs. Joaquim Antonio Leal em nome de seus companheiros de festejos, a Julio Conceição; Plinio Cazado ao mesmo, pela Imprensa de Santos; Julio Riedel pelo *Diario Popular*; Wencesláu de



Queiroz pelo *Correio Paulistano*; Hy-  
polito da Silva em nome da *Provincia*  
*de S. Paulo*; Martim Francisco Filho,  
aos convivas em nome do venerando  
pae de Julio Conceição, agradecido;  
de Assis Pacheco, pela *Quinzena Pau-*  
*lista*; de C. de Macedo em nome do  
*Diario da Tarde*, todos sempre ao he-  
roe da festa, e muitos outros brindes  
com entusiasmo trocados pela jovial e  
boa companhia.

\*  
\*\*

A' noite, *queimou-se* interessante fe-  
go de artificio no largo da Matriz;  
muita gente.

No theatro Guarany um concerto  
bom; n'ovos e alguns discursos mais  
durante o concerto.

No Club XV, uma *soirée* Segunda-  
feira, ás 2 horas da tarde: regatas,  
muita alegria, muita animação, algu-  
ma chuva—pouca, felizmente; moças,  
moços, marinheiros, muitas nações  
militares, um capitão do Porto, ma-  
gistrados, commissões, mulheres e ho-  
mens em geral; e, desta feita, nenhum  
discurso em particular!!

\*  
\*\*

Agora:—

Um gostoso dever de saudade, e  
um modo de satisfazer a grande sym-  
pathia que me causaram os explendi-  
dos rapazes: Pereira dos Santos, do  
*D'ario*, Macedo do *da Tarde*, Barreto  
do *Correio*, e o Vicente, o meu queri-  
do Vicente de Carvalho:

—O' companheiros da boa e e san-  
palestra, venha de lá esse abraço só  
p'ra moer o *illustre amigo*....! vra!!

Viva Santos!—

IGNACIO—O VIAGANTE.

Guardo melhor nas algibeiras uma  
nota do banco, do que, na cabeça,  
uma nota de .. musica.

Tambem, menos vale um bemol do  
que um... bedél!

CHICO GUAIACA.

## BOHEMIOS E ARTISTAS

## III

Eu não tenho a fraqueza de dar sa-  
tisfações a quem quer que seja e exista,  
em boa ou má vida, cá pelo globo ter-  
raqueo.

A' fava, meus senhores!

Independencia, é só de ver cá no dé-  
gas. Cheguem!

Por isso si alguém escocear e rin-  
char a esnice de que isto por cá *sabe*  
a elogio mutuo, mate-se por tal, por-  
que é besta, e deste mundo apenas pó-  
de esperar... seus proprios couces.

Assim começado, continuo.

Elle é b'ixo, gordo. Cabellos cres-  
pos, muito aparados. Moreno; faz a  
barba e deixa o bigode tirante a louro.

Ha muito, tenho notado a predilec-  
ção votada a um chaile, que traz pen-  
dido de sobre os hombros largos. O  
chapéo muito seriamente na cabeça;  
equilibra-o, vezes, sobre a nuca.

Diz cousas de troça com uma gravi-  
dade profunda; e depois ri-se cheio  
de ironia, fazendo scintillar o quente  
olhar num movimento continuo, quasi  
nervoso.

Costuma querer subjugar com uma  
das mãos, no phrenesi de um gesto, os  
bigodes sobre o labio superior. Discu-  
te e convence. E' serio, honesto; um  
dos maiores talentos da nossa gente lit-  
terata. Uma vontade firme e uma pi-  
lha electrica.

Durante o dia, trabalha pela repu-  
blica brazileira, alegre, sadio, cheio de  
esperanças, e satisfeito de si mesmo.

A' noitinha dá o cavaco por um co-  
pasio de cerveja no *Corvo*. E lá, num  
bellissimo grupo de rapazes intelligen-  
tes, desnuda o Ridiculo, atira-o na  
mesa, ora de bruços, ora de costas,  
como um cadaver no marmore de um  
necroterio.

Corta-o, esfolo-o, disseca-o, num go-  
zo intimo e sincero.

Levanta-se de um salto. Trepá so-  
bre a mesa, segura dos cabellos do  
morto, ergue-o e balouça-o no ar tri-

umphalmente, ostentando o corpo  
branco e humido, avermelhado d'aqui  
d'alem por fitas de sangue deteriorado  
—E a gargalhada estoura numa grande  
explosão de alegria franca, desen-  
freada.

E todos saém do *Corvo*, vencedores,  
orgulhosos, porque beberam boa cer-  
veja e riram desabridamente dos idio-  
tas da capital.

\*  
\*\*

Num Domingo, pela manhan, fui  
até á casa do meu homem; queria uns  
versos para a *Quinzena*.

No instante em que entrava para a  
sua saleta de artista, elle sahia do ba-  
nho de chuva.

Tive occasião de admirar ext. aordi-  
nariamente o riquissimo e curioso  
museo *mignon* que elle pussue para si,  
para o seu olhar, para a sua bella e  
complexa intelligencia, o seu deleite,  
a sua vontade invencivel de *estudar*  
e de *saber*.

Estuda e sabe; eis o maior, o mais  
leal, o mais sincero e o mais justo elo-  
gio que se-lhe-póde fazer, publicamen-  
te, sem medo nenhum de errar, e certo  
de ser applaudido por gente honesta e  
sem despeito.

Emfim, meus senhores, uma grande  
intelligencia; e uma grande intelligen-  
cia cultivada e energica.

A prova disso tudo, eu atiro á cara  
daquelle que até agora não tiver advi-  
nhado de quem escrevo:

O *Chromo romance naturalista*, de  
Horacio de Carvalho!

T. G.

As regras de ganhar dinheiro são  
mais *necessarias*, que as regras do...  
contra-ponto.

E' por essa razão que eu não sei mu-  
sica.

*Tambem p'ra qué?*

ABDOMEN A' MILANEZA.



**Numerosíssimos assignantes !**

Suando de vergonha, a *Quinzena* vem ante a vossa presença Augusta e seria, declarar que foi impossível, absolutamente impossível, dar o seu 3º e esplendido numero no dia 1º deste como foi de nosso ajuste.

A culpa não foi nossa.

Perguntai, numerosíssimos — ... à *Sentinelilla da Monarchia* a causa de nossa ausiencia!

Em compensação, damos hoje o nosso 4º e notabilíssimo numero.

Si os numerosíssimos... não se contentarem com esta explicação, paguem, para terem o direito de fallar mal da *Quinzena*.

**ADULTERIO E ASSASSINATO**

Assassinada ha pouco  
Foi uma doce e bella creatura,  
Pelo marido num transporte louco  
De ciume e ternura.

Pobre e bella Corina !  
Adulteraste, e a sorte fez-te infame...  
Mas quem te vendo a pallidez da face  
Pode haver, minha flôr, que te não ame ..  
Eu perdôo ao marido que assassina  
Amando...

E ao amante perdôo que te amasse...  
E' a vida humana se desenrolando...  
Pobre e bella Corina !

OVIDIO MINOR.

**O' Cunha tira o chapéu !**

Recebemos :

O *Liberal*—folha da Academia, de que é redactor chefe o distincto moço Pedro da Motta Machado.

Explendido !

—*Folha Academica*, de que são redactores os talentosos moços, Francisco Brant, Affonso de Carvalho, Edmundo Lins, Carvalho Mourão, Theodoro Machado, Barata Ribeiro, Adail de Oliveira.

E' de justiça destacar do magnifico jornal, um bello conto de Francisco Brant, intitulado *Um louco* e uma bella poesia de Affonso de Carvalho.

No mais, muito elegante e sympathica a *Folha Academica*.

**O CRIME DA RUA DE S. BENTO**

(GRANDE ESCANDALO)

Sahirá no proximo numero da *Quinzena*.

**CANÇÃO DEVASSA**

Intranquilla febre intensa,  
Desejos,  
Ancias, saudades e mortaes remorsos,  
Não ha nada mais que os vença,  
Afoguemol-os, pois, sem vãos esforços,  
Em beijos !  
Fugi, meus ternos amores.  
Voando,  
Ide, que eu já não vos entendo agora,  
Parti, ó doces cantores,  
Alados sonhos de uma morta aurora,  
Em bando ..  
Mulheres bellas, nas veias,  
Devassos  
Impetos tenho de afogar-me em beijos,  
Estrangulai-me em cadeias  
—Rijas tenazes para esta alma louca—  
De abraços !  
Eu morro por todas ellas  
Em febre,  
Quero que todas sugem do meu sangue  
O' minhas loucuras bellas !  
Até que o corpo não resista exsangue,  
E quebre  
Depois de morto, quero  
Meu feio  
Corpo lançado aos corvos que empoleiram  
Que o meu coração sincero  
Roam si é que as paixões o não roeram  
Receio...

OVIDIO JUNIOR.

**AO LUAR**

Luar ! esplendido luar !  
Por estas noites eu me recordo de ti,  
ó querida Albertina !  
Que saudade de ti !  
Vem, minna esposa ideal, debruça  
a tua cabeça sobre os meus hombros,  
deixa cahir a tua trança perfumosa !  
Envolvido nos teus cabellos, que sonhos não tenho eu !  
Amemos !  
Eu nasci para ser teu, tu nasceste  
para ser minha.  
Amemos !  
Eu não tenho mais orgulho, criança,  
A personalidade que vivia em mim,  
como uma féra a rugir e a sangrar, está  
morta agora.  
Prende-me aos teus labios, arrebatame em teus braços.  
A vida é só amor.  
Amemos !

LEANDRO.

Num camarote do «S. José».  
Um elegante, convencido de que sabe francez, á uma *horizontal* :  
—*Commem s'appelle soi ?*  
A *horizontal*, convencida de que enteu o elegante :—  
—Rua do Trem, n.º 8 !

**CONCERTO GIRAUDON**

Explendido, magnifico ! Bellas vozes, violinos, sólos de piano, muita gente e o Alexandre Levy na... ponta !

O grande successo !

Parabens ao Alex !

**ARRULHIOS...**

Encontraram-se no bond. Olharam-se, gostaram-se, amaram-se etc. e tal. Nada mais natural.

\*  
\*\*

Todas as tardes, elle atolava um *quebra* nos labios e tomava o bond da Consolação.

Era Cupido de arco e flecha aljava e settas...

Voltava ufano, poetico e não sei que mais.

\*  
\*\*

Conseguiu chegar-se á familia. «Ou a união pelos *doce* laços ou uma bala nos miolos» monologava elle.

Tomou tres calices de *cognac*, pegou na penna e...pedio.

Foi acceito.

\*  
\*\*

Todos os dias batia para a casa da pequena e com ella ficava em arrulho doce, fazendo-lhe caricias pequeninas vigiado pela Mindóca—uma pequenita da casa.

Uma vez a Mindóca—peitada por um cartucho de doces, retira-se da sala, deixando os dous namorados entregues um ao outro ; estes, aproveitando o fugitivo momento, beijocam-se doidamente, apaixonadamente... e — Mindóca—sahe de traz da porta, pulando e rindo muito gostosamente—Eu vi tudo, eu vi tudo...

FRANCISCO BRANT.

66900 ARQUIVO



## NÓS DOUS

Pacheco, amigo, enfia esse teu braço no meu braço e vamos dar uma volta aproveitando este luar magnifico e um bocadinho deste frio intenso com que o inverno mimoseia a nossa boa Paulicéa.

Olha, em caminho tu me irás cantando uns trechos escolhidos de tua delicada «Moêma», e eu, embalado pela cadencia da musica e dos versos, irei formando uns sonhos côr de rosa, construindo em minha imaginação milhares de castellos phantasticos, emquanto, abstrahindo de tua forma, irei suppondo que não és um mortal, como qualquer outro e sim a sombra de um genio que vae a meu lado, vaporoso e mal distincto.

—O' Canto e Mello, amigo!

Qual «Moema», nem mais, ou menos «Moema»! O Pernetta é que é! O Pernetta, ó Canto e Mello! e o Horacio e o Guerra!

Isto sim! Qual «Moema»! A «Moema» é um sonho! E a *Platéa* é uma vida inteira de glorias, e a gloria (lá vae trocadilho!) da vida de uma grande actividade, e de uma energia herculea!

Canto e Mello, amigo, eu te conheço a manha. Ladrão! Tu que já foste soldado e de... linha, responde:

—Quanto canhão encontrate pela vida?

Pacheco, amigo, nem me falles em canhões... Só com esta palavra acodem-me á lembrança uma porção de reminiscencias queridas, mas, ao mesmo tempo, uma chusma de lembranças tristes.

Já que estás de veneta, escuta;

Sabes que tive outr'ora uma namorada?

Silencio Canto e Mello! Respeita ao menos a *arma* que te defendeu no campo da... batalha!

Has de ouvir, Pacheco, amigo! Já que me fallaste em canhão... tem um pouquinho de paciencia...

Meu Canto e Mello amigo e companheiro, Tu estás muito cacete e descarado; Pois manda á fava este S. Paulo inteiro, E vae dormir depois do *Corvo* amado!

E eis como se conta a historia de uma grande falta de Assumpto!

Nós.

## MANÇOS DE ANDRADE

Deve entrar hoje em julgamento, por ter *brincado* de S. João, fóra de tempo, com o conego Brazilio Machado e dr. Manoel Vicente, o academico Manços de Andrade.

Viva S. Pedro e a... Policia!!

## CORRECTO

Não nos môem de inveja os opiparos banquetes pagos ao sr. Felinto de Oliveira pelos pavorosos collegas do *Diario Mercantil*.

Nós tambem, nós os humildes... comedores da *Quinzena*, temos o nosso Felinto cá em casa, e sabemos tambem

offerecer jantares a talentosos poetas e redactores talentosos.

Então para que diabo vive o sr. Martins Guimarães?

De que serve o seu talento, o seu estomago e a sua ingenuidade?

Sim; não nos môem de inveja os opiparos banquetes pagos ao sr. Felinto de Oliveira, pelos pavorosos collegas do *Diario Mercantil*!

Acreditem os litteratos da banda de lá, que os litteratos da banda de cá, sabem tambem prestar justa homenagem aos genios nacionaes.

Desde já promettemos ao sr. Martins Guimarães, offerecer-lhe um banquete... onça.

S. s. póde marcar o dia e trazer os cobres.

OS LITTERATOS DE CÁ.

## SAUDAÇÃO AO FILINTO

NO DIA DA SUA SAGRAÇÃO LITTERARIA

O' alma superlatificamente ambrosiaca! eu te amo! Rouxinol do Genezaret cuja brisa encabeçou a memoria insolita do propheta Jeremias! eu te adoro, *Amen*!

Minh'alma é hoje como o evangelho de S. Lucas por te vêr, ó Filinto, archi-sungado ás esphas polysyllabas da correcção universal.

Desvaneço-me das minhas sentimentalidades, porque tu t'ergues *ad me*, *Amen*!

A immortalidade foi feita para os grandes genios, como S. Thomé, que não acreditava no que não via. São Marcos quiz bigodeal-o e não pôde, e graças ao estandarte que Camões levantou sobre a igualdade da tarifa do intellecto, suprema foi a legislação do incogniscivel atravez do azul do espaço.

Vem sentar-te a meu lado, ó immortal! Vem! dá-me a tua mão pelliculosa e aquentecente! Dorme! Dorme, e sonha! sonha, sonha com a primazia eterna das averiguações patheticas em sua periodicidade olympiaca.

Adeus!

MARTINS GUIMARÃES.

